



Relatório de atividades

2019

Breve avaliação

O ano de 2019 iniciou com o anúncio das propostas do novo governo, que apontavam para o estabelecimento de mais políticas neoliberais, como a reforma da previdência e várias outras, no sentido de desconstituição de direitos, com a alteração de várias normas. Essa situação apontava que a crise no país se agravaria, tanto em crescimento do desemprego como na diminuição de políticas de proteção social.

A SOF deu seguimento ao seu Plano Trienal e, nesse ano, um destaque em suas atividades foi a organização de um curso virtual sobre Economia Feminista, com seis módulos em espanhol e português. Todos eles foram compostos por uma vídeo-aula produzida pela equipe da SOF, um fórum de reflexão, um texto principal já publicado e um texto de apoio, responsável por introduzir cada tema e orientar as reflexões. Os fóruns foram disparados por perguntas que relacionavam elementos dos textos com reflexões a partir das experiências das participantes, de forma a aproximar o conteúdo teórico às práticas concretas, impulsionar articulações e conexões entre as participantes e fortalecer a perspectiva militante do curso – não à toa, demos à plataforma de formação online o nome de “Feminismo em movimento”. Esta aproximação fez parte da metodologia desenvolvida, e também se expressou nas vídeo-aulas com transmissão online, onde as estudantes podiam intervir através dos comentários e compartilhar diretamente suas dúvidas e contribuições. A participação era permitida de forma individual, em duplas ou em trios, e também nos formatos de texto, vídeo e áudio, como estratégia para garantir a participação. Apesar das dificuldades encontradas no percurso – a necessidade de acompanhamento ainda mais aproximado, as limitações tecnológicas e de acesso à internet, algumas desistências – a avaliação é positiva.

O processo de organização do curso online colocou vários desafios para a SOF, com o sentido de organizar uma metodologia coerente com nossa longa experiência em formação. Uma das questões que apareceu foi como, em alguns momentos, não foi possível compatibilizar as expectativas, pois às vezes uma parte do público estava

interessada em aspectos mais teóricos e outra em intercâmbio de experiências. Então, é necessário mais agilidade para ir captando e também desenvolvendo formas para que realmente seja participativo. Isso se conecta com a necessidade de desenvolver mais a experiência de participação nas redes virtuais, a disciplina etc.

Na Associação de Mulheres da Economia Solidária de São Paulo (AMESOL), teve continuidade o processo de fortalecimento da auto-organização e o desenvolvimento da capacidade de resolver coletivamente os conflitos que aparecem, por exemplo, na relação com os equipamentos públicos. E outra aprendizagem importante foi como esse fortalecimento organizativo impulsiona a busca de alternativas, tanto no processo de comercialização como também de aperfeiçoamento e diversificação no processo produtivo, com a utilização, por exemplo, de novas técnicas de bordado ou outros tecidos, possibilitando, inclusive, mais complementariedade entre os grupos.

Tanto as mulheres da AMESOL como as da região do Vale do Ribeira/SP expressam como a participação mais ativa e efetiva nos espaços da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) as tem fortalecido nos seus espaços locais e no enfrentamento dos desafios cotidianos. Para nós da SOF, isso demonstra como é potente essa vinculação do trabalho local com o fortalecimento organizativo e ampliação da agenda.

Ao longo de 2019, as agricultoras e quilombolas da Barra do Turvo/SP consolidaram a prática mensal de mutirão seguida de reunião. A cada mês, o mutirão foi realizado em uma das comunidades onde os grupos de agricultoras estão organizados. A maioria deles foi mutirão de capina, o que permitiu abertura de novas áreas e aumento da produção, mas houve também manejo com roçadeira e capina seletiva em áreas para manutenção dos plantios. Nos mutirões, as agricultoras conheceram os resultados de práticas agroecológicas como a cobertura de solo e os diferentes solos e relevos onde a produção sob sua responsabilidade acontece. Trocaram informações sobre sementes, mudas, plantas indicadoras, usos das plantas na alimentação e para fins medicinais, e incorporaram, por exemplo, “peixinho” na alimentação e na venda de maços na feira. Ao conhecerem umas as roças das outras, se estabeleceu o procedimento de certificação participativa, como um compromisso coletivo na relação com os grupos de consumo solidário que as aproxima de uma possível regulamentação, segundo as regras do Ministério da Agricultura. As reuniões trataram do planejamento e avaliação das

compras diretas, demandas de políticas públicas à prefeitura e combinados para funcionamento da rede. Em outubro, a assembleia da rede contou com a participação de 52 agricultoras, comemorou três anos de funcionamento, atualizou acordos de funcionamento e definiu seu nome: Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras (RAMA).

A Escola de Formação Feminismo e Agroecologia aconteceu em julho na Comunidade Rio Verde, na Juréia/SP, com a participação de 27 mulheres. O conceito de agroecologia foi sistematizado a partir de vivências em roça tradicional de coivara, quintal agroflorestal e modo de vida caiçara. Também foram trabalhadas questões sobre corpo, sexualidade e relações de gênero, classe e raça, bem como a autogestão nos grupos de mulheres e nas organizações onde as mulheres estão inseridas. A realização da Escola na comunidade também foi uma ação de solidariedade frente à destruição, por parte da Fundação Florestal, das casas de jovens caiçaras que voltaram a viver em sua comunidade de origem, transformada em Estação Ecológica¹.

O coletivo de jovens manteve seu funcionamento, com destaque para a elaboração de materiais que apresentam processos tradicionais de cultivo e transformação de alimentos; e para a reflexão sobre seus projetos de vida, como parte de pesquisa realizada em conjunto com o IRD (Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da França) junto às/aos estudantes de Ensino Médio das duas escolas estaduais do município. Em conjunto com o coletivo Vedetas, iniciou-se no quilombo Terra Seca a construção de uma rede de comunicação comunitária. A primeira oficina reuniu jovens e adultos dos quilombos Terra Seca e Ribeirão Grande para debater os instrumentos que as comunidades utilizaram ao longo de sua história para se comunicar e as possibilidades de instalação de uma rede autônoma. Neste momento, formou-se um Grupo Operativo com as pessoas mais interessadas em se envolver na instalação. São elas 6 mulheres, 2 adultas e 4 jovens, e 5 rapazes. A segunda oficina já se realizou com este grupo e juntos procederam a identificação dos pontos para instalação das antenas.

A rede de grupos de consumo manteve sua articulação e realizou ao longo do ano 11 compras diretas. Além da operacionalização das compras, a rede promoveu debates em torno à compra solidária de alimentos, como a projeção de filme que trata de

¹ Ver: <http://www.sof.org.br/escola-de-formacao-em-agroecologia-e-feminismo-e-tambem-solidariedade-com-as-caicaras/>

cooperativa de alimentos estadunidense (FoodCoop) e a participação conjunta na Mostra de Agroecologia e Economia Solidária compoem a Semana de agroecologia da UFABC (Universidade Federal do ABC). A partir de setembro, a rede organizou uma nova forma de pedido e organização dos alimentos que implica no trabalho conjunto de todos os grupos que a compõem e que diminuiu consideravelmente o trabalho das agricultoras na preparação do envio dos alimentos. A partir de novembro, foi iniciada uma venda experimental a empreendimentos agroecológicos integrada à compra dos grupos de consumo, o que permitiu o aumento da quantidade comercializada e a perspectiva de envolver novos grupos de agricultoras em 2020. O coletivo da Feira de Agroecologia e Economia Solidária de Registro/SP manteve a realização quinzenal das feiras. Entre as agricultoras da RAMA, duas têm mantido uma participação permanente, as demais participam junto a seus grupos que se revezam a cada mês. Esta Feira permite a inclusão de grupos que ainda não estão organizados a ponto de participar das entregas à rede de grupos de consumo e constitui uma importante etapa de aprendizado de como fazer registros, contas e responsabilizar-se pelas vendas do conjunto do grupo.

No município de São Paulo, as agricultoras urbanas e rurais e técnicas que as acompanham retomaram um funcionamento como rede, nomeando-se Rede de Agricultoras Periféricas Paulistanas Agroecológicas (RAPPA). As oficinas foram realizadas no centro e nas áreas de produção permitindo um mapeamento das iniciativas e dos fluxos de insumo e distribuição. Como proposta da RAPPA, um grupo de estudos sobre feminismo e agroecologia foi realizado na SOF com três encontros que permitiram aprofundar o conhecimento sobre economia feminista, ecofeminismo e feminismo negro. Por fim, o apoio à formação de uma horta na ocupação Esperança Vermelha permitiu que as e os moradores se envolvessem em seu manejo e colhessem verduras, abóboras e mandioca. A experiência alentou o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) a organizar uma brigada de hortas para fomentá-las em outras ocupações.

No início do ano, avaliamos como fundamental construir um 08 de março massivo e seguir com uma agenda de resistência. Identificamos a luta contra a reforma da previdência como central, assim como resistir aos ataques ao conjunto das políticas públicas. E rapidamente ficou demonstrado que seria um ataque múltiplo, mas foi na questão da educação que o movimento teve mais reação em mobilizações massivas.

As manifestações do 8 de março foram muito expressivas. Depois, além de seguir nas manifestações da educação, organizamos atividades específicas em relação ao tema da reforma da previdência. As mobilizações contra a reforma da previdência, com panfletagens e aulas públicas, foram organizadas em São Paulo e em outros estados a partir dos comitês da Marcha Mundial das Mulheres. A avaliação é que foram muito importantes para aprofundar o debate da conjuntura e os desafios para os movimentos.

Do ponto de vista da intervenção como MMM, investimos na mobilização para a Marcha das Margaridas e na preparação da 5ª Ação Internacional da MMM, que é realizada a cada cinco anos.

A Marcha das Margaridas foi uma das atividades que mais impactou o trabalho em São Paulo e na MMM em nível nacional. Envolveu atividade de arrecadação de recursos financeiros, formação e mobilização. Foi muito positivo o fato de que tenha se mantido o mesmo nível de mobilização de edições anteriores e apresentou uma agenda bastante crítica à situação atual no Brasil, que anuncia qual é o modelo de sociedade que as mulheres defendem com o lema “Por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça e livre de violência”.

A preparação da 5ª Ação Internacional da MMM foi bastante intensa nesse período, principalmente considerando o fato de que a comunicação internacional da MMM está sob a responsabilidade da SOF. A ação de 2020 tem como lema “Resistimos para viver! Marchamos para transformar!” Consideramos que o tema que organiza a 5ª Ação foi bastante acertado na conjuntura atual e contribui para posicionar o feminismo antissistêmico e reforça o posicionamento da solidariedade internacional e de construção de uma ação internacional ancorada nas ações e realidades locais.

Abaixo estão vários links que possibilitam visualizar o trabalho da SOF.

As notícias publicadas no site e difundidas em redes sociais são relatos de atividades locais² e de grandes eventos e mobilizações³, além da difusão de

² <http://www.sof.org.br/horta-agroecologica-ja-esta-alimentando-a-comunidade-do-esperanca-vermelha/>

³ <http://www.sof.org.br/cupula-dos-povos-no-chile-mobilizacao-feminismo-e-alternativas-a-crise-climatica/>

posicionamentos e produções teóricas e formativas⁴.

A transmissão ao vivo, em português⁵ e em espanhol⁶, da aula virtual final do curso de economia feminista também foi um elemento de destaque na comunicação da SOF, sendo espaço de difusão, formação e debate público.

A divulgação de atividades aconteceu através da criação e veiculação de cards, textos informativos e notícias, via redes sociais, lista do WhatsApp e lista de e-mails. Não à toa, no Facebook da SOF, tiveram destaque: o convite para o cine-debate do filme “Mulheres em movimento”, a divulgação de uma entrevista que iria acontecer ao vivo para a Rádio Brasil Atual, o convite para a conferência com a feminista negra estadunidense Patricia Hill Collins, o chamado para inscrições no curso virtual e o PDF do novo volume dos Cadernos Sempre Viva.

No Twitter da SOF, tiveram destaque: o artigo da SOF sobre o sentido político do dia 08 de março no jornal virtual Brasil de Fato⁷; a mais recente edição dos Cadernos Sempre Viva⁸; a participação no debate “Lama, fogo e óleo: como chegamos até aqui?”, que aconteceu na Livraria e Editora Expressão Popular⁹; a abertura de inscrições para o curso virtual sobre economia feminista¹⁰. No Twitter da MMM, tiveram destaque os chamados “fios”, listas de tweets que acumulam informações, links e conteúdos sobre determinado assunto.

Resumo das atividades desenvolvidas

Construção de movimento

Formação feminista

A SOF esteve presente em 41 atividades de formação, como debates, seminários, cursos e oficinas, com participação total de 2.441 pessoas, sobre os seguintes temas: história do feminismo, 8 de março, economia feminista, economia solidária,

⁴ <http://www.sof.org.br/nao-queremos-um-feminismo-baseado-em-mulheres-operando-este-sistema-assista-entrevista-de-nalu-faria-sobre-livro-feminismo-em-resistencia/>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=OaQGKvUexus&t=2s>

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=txf5TGWCiVI&t=1s>

⁷ <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/09/artigo-sem-feminismo-nao-derrotaremos-a-direita-autoritaria-e-neoliberal>

⁸ <https://t.co/PJXFcAalyu>

⁹ <https://t.co/HKCY0m8ZUU>

¹⁰ <https://t.co/plucy6PZUD>

agroecologia, violência contra as mulheres, neoliberalismo, trabalho e previdência, conjuntura, autonomia das mulheres e aborto, diversidade e gênero, patriarcado, resistência feminista, feminismo e luta das mulheres, economia feminista, violência contra as mulheres, alimentação e segurança alimentar, agroecologia, comunicação, política de cuidado e trabalho. Em âmbito internacional foram realizadas 9 atividades com 1.020 pessoas.

Grupo de Reflexão Em Tempo de Feminismo

Foram realizadas três atividades com os temas: 1) Dinâmicas e estratégias do feminismo antissistêmico; 2) Conservadorismo e ataques à democracia com Flavia Biroli; 3) Agenda de gênero dos setores conservadores a partir do levantamento realizado por Gênero e Número.

Atuação para fortalecimento da MMM

Foram organizadas 2 reuniões da Coordenação Nacional da MMM, em abril com 28 mulheres de 13 estados e em outubro com 35 mulheres de 15 estados; e 4 reuniões virtuais da coordenação executiva.

O contato permanente e cotidiano com os comitês estaduais tem se dado por um grupo em aplicativo de mensagens instantâneas, com a participação de 76 mulheres representantes dos comitês estaduais, além do envio periódico de e-mails. Foram realizadas 8 reuniões virtuais do coletivo de comunicadoras e acompanhamento de 4 atividades da MMM nos estados (SC, PR, RJ, MG).

Foram publicadas 10 notas e posicionamentos sobre temas da conjuntura, manifestando solidariedade a lideranças e comunidades ameaçadas por criminalização, despejo ou violência, incluindo posicionamentos sobre a conjuntura latino-americana e ambiental.

Foram elaborados 2 artigos: um sobre feminicídio para a Rede Brasil e outro sobre caminhos e desafios do movimento feminista na luta contra a violência, publicado pela Escola de Saúde Pública do Ceará Paulo Marcelo Martins Rodrigues.

MMM em São Paulo: organização de 11 reuniões municipais (São Paulo e Campinas); 3 debates e formações sobre reforma da previdência e 8 de março; 2 ensaios

da batucada feminista; 5 plenárias estaduais e 2 atividades de arrecadação financeira; 1 seminário regional na Zona Leste; 3 debates e formações sobre temas do feminismo.

Marcha Internacional: participação em 2 reuniões presenciais do Comitê Internacional (CI) da MMM, em Moçambique em abril e Ankara/Turquia em outubro e 3 chats virtuais. A partir de setembro houve a descentralização da comunicação internacional que passou a funcionar na SOF.

Marcha Américas: organização de quatro reuniões virtuais da MMM Américas e duas reuniões presenciais, sendo uma em Havana/Cuba, com presença de 11 países, e uma na Cidade do México, com integrantes da MMM México. Acompanhamento do processo da Escola Internacional Feminista, incluindo 6 reuniões virtuais de coordenação e grupos temáticos, e uma reunião presencial em Boston/EUA em novembro, e a coordenação do GT Economia Feminista para o currículo da Escola. Colaboração no Boletim Marcha Américas e elaboração e difusão de notas de solidariedade com Chile, Equador e Bolívia.

Movimento de Mulheres e mobilizações

Estivemos envolvidas na organização e/ou participação de 8 ações públicas do movimento de mulheres, incluindo o ato 8 de março “Mulheres contra Bolsonaro, vivas por Marielle, democracia e igualdade”; ato do dia 14 de março “Marielle vive!”, que marcou um ano do assassinato de Marielle Franco; 24 horas de ação feminista em abril; ações das mulheres contra a reforma da previdência, em maio e junho; ato contra a violência sexista em novembro; denúncia do assassinato de Ágata Felix em setembro; ato por justiça para Marielle em novembro e sobre o massacre de Paraisópolis, em dezembro.

Marcha das Margaridas: realizada em agosto de 2019, envolveu dez reuniões de articulação e seminários da Coordenação Nacional e do processo preparatório em São Paulo e Rondônia, além da articulação com outros movimentos populares que não tem parceria direta com a Marcha das Margaridas. A SOF contribuiu com a elaboração dos cadernos de textos número 4, “Por uma vida livre de todas as violências, sem racismo e sem sexismo, pela autonomia e liberdade das mulheres sobre o seu corpo e sua sexualidade” e caderno 3, “Por autonomia econômica, trabalho e renda, por terra, água e agroecologia”. A delegação da MMM foi composta por 1.400 mulheres e a SOF

contribuiu com a realização da oficina sobre corpo e sexualidade.

Atividades sobre a questão da legalização do aborto: as atividades em torno do debate sobre o direito ao aborto envolveram 4 reuniões vinculadas à Frente Nacional Contra a Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto.

Participação e organização de 6 processos de discussão junto ao poder público, envolvendo audiências públicas sobre violência, violência obstétrica, as mulheres e a previdência.

Foi realizada uma plenária nacional com 270 pessoas e 4 atividades estaduais em São Paulo, vinculadas à Frente Nacional Contra a Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto.

Políticas Públicas: participação e organização de 8 atividades de articulação e pressão por políticas públicas, especialmente relacionadas ao enfrentamento à violência sexista em São Paulo e à articulação de Frente Parlamentar pelos direitos das mulheres, com envolvimento total de 489 pessoas.

Frente Brasil Popular: o processo de articulação envolveu 21 reuniões da coordenação operativa estadual e nacional; 4 conferências, plenárias e reuniões ampliadas sobre a reforma da previdência; 5 mobilizações e atos unificados (educação e reforma da previdência); 1 plenária nacional; 12 atividades públicas e 4 mobilizações e atos unificados.

Alba Movimentos: foram realizadas 10 atividades e reuniões, incluindo as de preparação para o seminário Brics dos Povos.

Jornada Continental pela democracia e contra o neoliberalismo: envolveu 12 reuniões virtuais de facilitação, coordenação e grupos de trabalho; duas reuniões presenciais da coordenação; a realização de Encontro Anti-imperialista de solidariedade, pela democracia e contra o neoliberalismo, em novembro com 1.500 pessoas, e a organização e realização de um curso de formação online para 390 militantes de organizações brasileiras sobre os temas da Jornada.

Participação no GT de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA): 2 atividades relacionadas ao processo das Cadernetas Agroecológicas e a

formação vinculadas a ANA; participação em 3 reuniões de articulação e intercâmbio em torno da economia verde e participação no Encontro Estadual da CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Foram realizadas 3 atividades com o GT Mulheres da ANA e participação em 3 atividades gerais da APA, rede Ecovida e Congresso Brasileiro de Agroecologia.

Participação na Cúpula dos Povos no Chile com o debate de justiça climática e solidariedade ao povo chileno e sua luta.

No segundo semestre deu-se início à organização do Fórum Popular da Natureza e foram realizadas 6 atividades entre reuniões e plenárias de articulação.

Economia Feminista e Solidária

Acompanhamento da AMESOL: Foram organizadas 9 Feiras de Economia Solidária e Feminista¹¹, com participação entre 38 e 42 empreendimentos e total de vendas de R\$ 65.355,74. Além destas feiras, que são realizadas no Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã, no município de São Paulo, 20 empreendimentos da AMESOL participaram de feira no município de Franco da Rocha.

A participação total nas feiras é estimada em média de 350 pessoas.

Como parte do acompanhamento processual da AMESOL foram realizadas 16 reuniões mensais de articulação da AMESOL, incluindo as reuniões de comissões de trabalho (infraestrutura, finanças e comunicação). Foram realizados 4 cursos e oficinas de stencil, comunicação, precificação, viabilidade dos produtos, 1 oficina sobre bancos comunitários e 2 reuniões de articulação com outros atores da economia solidária. Participaram cerca de 69 mulheres.

Atividades de formação e assessoria em agroecologia

Foram realizadas 3 oficinas e cursos sobre economia verde¹², com a participação de mulheres de organizações mistas, agroindústria e processamento de alimentos.

¹¹ Ver: <https://www.facebook.com/amesol.feminista>

¹² Ver: <http://www.sof.org.br/oficina-sobre-economia-verde-reune-organizacoes-e-movimentos-no-vale-do-ribeira/>

Foram realizadas 4 oficinas e atividades de intercâmbio com as jovens¹³; 4 oficinas e cursos sobre autogestão, panificação, agroflorestal e transformação dos alimentos; 1 escola de formação sobre feminismo e agroecologia e 2 atividades de intercâmbio com jovens.

No acompanhamento dos bairros e quilombos foram realizadas 18 atividades incluindo mutirões¹⁴, oficina de poda no Córrego da Onça, Bela Vista, Ribeirão Grande e Conchas. Houve 15 visitas individuais, na Barra do Turvo e em Peruíbe. Organização da participação das agricultoras na Feira de Registro¹⁵ e participação das agricultoras em 4 feiras (Registro, ABC, Santos). Foi iniciado o processo de instalação de rede comunitária de comunicação, envolvendo 3 reuniões preparatórias e 3 cursos e oficinas para a instalação da rede. Houve 3 atividades e intercâmbios entre agriculturas urbanas sobre práticas agroecológicas em São Paulo; 3 atividades em conjunto com o MTST em São Paulo, incluindo um curso sobre horta comunitária; 2 reuniões de preparação e 2 atividades de intercâmbio entre agriculturas urbanas sobre práticas agroecológicas em São Paulo e 5 atividades de articulação com o Instituto Federal de São Paulo.

Atividades em torno do processo de comercialização: 12 reuniões dos grupos de consumo em São Paulo e 2 reuniões em Campinas; 15 reuniões de articulação das redes de agriculturas que participam da comercialização; 3 atividades de articulação entre grupos de consumo e agricultoras, intercâmbio na Barra do Turvo, a atividade Caravana da Perifa ao Campo e intercâmbio para diversificação de mercados. Foram realizadas 4 atividades amplas a partir da articulação dos grupos de consumo em São Paulo. Foram feitas 11 entregas e organização de compras coletivas no ano, totalizando R\$ 77.080,90 e envolvendo diretamente de 28 a 35 agricultoras na comercialização, com um valor, em média, equivalente a R\$ 222,46 por agricultora participante por compra. No total das atividades houve a participação de 498 pessoas no primeiro semestre e 369 pessoas no segundo.

Atividades de formação e reflexão

¹³ Ver: <http://www.sof.org.br/jovens-da-barra-do-turvo-se-reunem-para-2o-modulo-de-oficina-de-comunicacao/>

¹⁴ Ver: <http://www.sof.org.br/como-foi-o-mutirao-de-praticas-agroecologicas-economia-feminista-e-solidaria-no-vale-do-ribeira-por-nilce-pontes-pereira/>

¹⁵ <http://www.sof.org.br/feira-de-agroecologia-e-economia-solidaria-de-registro-completa-um-ano/>

- 1- Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia (CIFA), de 8 a 11/04, em Recife, com participação de 480 pessoas, sendo 140 agricultoras.
- 2- Oficina sobre salário mínimo, da REF - Rede Economia e Feminismo, em São Paulo, com 20 participantes em 9/08.
- 3- Seminário “As mulheres no mundo do trabalho e o trabalho na vida das mulheres”, em Natal, realizado em parceria com REF e CF8 – Centro Feminista 8 de Março, em 19/09, com 110 pessoas.
- 4- Jornada de Agroecologia no Paraná: reflexão sobre gênero, patriarcado e violência, em 31/08, com 100 pessoas.
- 5- Coorganização da conferência “O pensamento feminista negro: desafios contemporâneos e novas perspectivas”, com Patricia Hill Collins, em São Paulo, no dia 29/10, 250 pessoas.
- 6- Oficina “Ampliar diagnósticos e avançar na construção de propostas de estratégia de enfrentamento e alternativas a partir da economia feminista e dos comuns”, em 7 e 8 de novembro com 25 mulheres integrantes da CSA, CONAQ, CONTAG, UNE, Unicamp e MMM, em São Paulo.
- 7- Grupo de estudos feminismo e agroecologia, 3 encontros, em São Paulo, 15 pessoas.
- 8- Realização do curso virtual Economia feminista: ferramenta de luta e transformação, de outubro a dezembro, com participação de 80 pessoas.

O segundo semestre ampliou a intervenção da REF com a retomada da REMTE - Rede Latinoamericana de Mulheres Transformando a Economia, participamos de duas reuniões virtuais para coordenar nossa participação no FSMET (Fórum Social Mundial de Economias Transformativas), 2 reuniões virtuais de coordenação do FSMET e 1 reunião da confluência feminista ao FSMET.

Elaboração de artigos e publicações:

- 1- Estudo Mulheres e Trabalho: direitos trabalhistas, mercado de trabalho, trabalho rural e carga de trabalho não pago.
- 2- Texto sobre mulheres e água para curso virtual “Agua para la vida”, organizado por CREAS - Centro Regional Ecuménico de Asesoría y Servicio.
- 3- Texto “A vida e a luta das mulheres no Brasil”, dossiê Outras Economias.

4- Artigo sobre economia feminista e justiça financeira.

5- Texto que articula economia feminista e agroecologia para a REMTE como parte do processo de articulação para o FSMET.

6- Caderno Sempre Viva “Feminismo em Resistência”, número 5 da série Economia e Feminismo e 16º da coleção geral. 7- Publicação em espanhol do Caderno “Resistir para Transformar”.

Comunicação e Difusão

A comunicação se estabeleceu nas duas dimensões seguintes: difusão de informações e posicionamentos da SOF e o fortalecimento do coletivo de comunicadoras da Marcha Mundial das Mulheres.

No âmbito da comunicação da SOF, foram publicadas 41 notícias no site da SOF, 8 artigos e 4 publicações; 4 transmissões ao vivo no YouTube; além da divulgação permanente de atividades, interação em redes sociais e cobertura de agendas de mobilização e debate. Foram enviados 8 boletins informativos por e-mail, reunindo notícias. O Twitter foi reativado em agosto, tendo postagens com mais frequência e um crescimento de 100 seguidores. Também nesse período, foi criada a lista de transmissão da SOF. A conta de WhatsApp para listas de transmissão conta hoje com 1.000 contatos. Além da produção comunicativa institucional da SOF, também houve colaboração com a comunicação da AMESOL, com a produção esporádica de *cards* de convite e de cartazes para as Feiras de Economia Feminista e Solidária.

Durante esse período, aconteceram 6 reuniões virtuais do coletivo de comunicadoras da MMM, com a participação de 15 ativistas de 7 estados (CE, PB, PE, RJ, RN, RS, SP). As principais ações foram: a cobertura colaborativa na Marcha das Margaridas e do Encontro de Solidariedade, por Democracia e contra o Neoliberalismo (em ambos, tanto a cobertura da MMM quanto a participação na cobertura geral das organizações); a formulação e proposição de um curso virtual de comunicação feminista voltado para militantes da MMM do Brasil, com seis módulos e vídeo-aulas próprias. Foram publicados 04 programas de rádio “Fúria Feminista”, em duas versões (português e espanhol), em parceria com a Rádio Mundo Real; 25 notícias e 16 notas no site da MMM; 15 vídeos no YouTube da MMM e 23 textos no blog da MMM; além da

divulgação permanente de atividades, interação em redes sociais e cobertura de agendas de mobilização e debate. Foram enviados 9 boletins informativos por e-mail, reunindo notícias, materiais e artigos, para um público direto de 3.158 endereços eletrônicos cadastrados. O boletim teve sua identidade visual atualizada. Também participamos das 3 edições do Boletim da Marcha Américas, colaborando com materiais, tradução para o português e veiculação. Nesse período, as redes sociais cresceram: o Facebook ganhou 1.923 seguidores (de 42.271 para 44.194); o Instagram ultrapassou a meta de 10.000 seguidores (que permite funções específicas de conta pública) e conta hoje com 11.774 seguidores; e o Twitter acrescentou 619 novos seguidores (de 21.255 para 21.874). O tweet de destaque do ano rendeu 36,2 mil impressões.